

Nosso objetivo é explicitar o caráter ideológico da ciência econômica, ou seja, seu papel na luta de classes entre capital e trabalho, a favor do primeiro. A nossa perspectiva teórica é a ontologia materialista do ser social instaurada por Marx e o seu desdobramento marxista. Tomamos o trabalho enquanto categoria central do ser humano, que é definido, antes de tudo, enquanto ser natural e objetivo e, portanto, enquanto ser com necessidades e potencialidades naturais. Demais, é definido enquanto ser que se afasta continuamente da natureza, sem jamais romper com ela. Este afastamento ininterrupto é uma decorrência do trabalho sob forma exclusivamente humana, que é determinado enquanto atividade de enformação num objeto externo de um projeto anterior existente na mente do ser humano que o efetiva. Deste caráter teleológico do trabalho decorre uma dupla transformação: da natureza externa ao homem e da própria natureza humana. O trabalho é uma categoria social, isto é, que se desenvolve através de relações sociais entre os homens. Estas nunca são eternas, isto é, não existe um “fim da história”. A espécie humana é uma espécie não muda, isto é, consciente, tanto objetiva quanto subjetivamente. Este caráter consciente decorre da natureza inerentemente social do trabalho. Para que o trabalho se realize e evolua, torna-se necessário o aparecimento e o desenvolvimento ulterior de atividades de caráter extra-laborativo. A produção material exige a existência de atividades extra-econômicas que organizam o comportamento dos homens em sociedade. Estas atividades extra-laborativas, tal como o trabalho, são precedidas por uma antecipação mental e também por uma decisão subjetiva entre alternativas postas pela realidade objetiva. A ideologia é o momento ideal das posições teleológicas que visam a organização da *práxis* social global. Estas posições podem estar voltadas à manutenção ou destruição de um determinado *status quo* social. À medida que o trabalho se desenvolve e seus resultados são observados, se desenvolvem as potencialidades dos homens e criam-se novas necessidades humanas e, por conseqüência, também as formas de objetividade do ser social se explicitam num nível cada vez mais alto. O gênero humano vai se afastando da natureza, porém sem nunca romper com ela, pois dela é parte; processo de afastamento da natureza que é acompanhado pela progressiva superação de sua mudez; superação esta que, de início, só tem existência objetiva (mercado mundial), mas que pode vir a se tornar também subjetiva (sociedade comunista mundial). A capacidade do trabalho produzir excedente constitui a base destas transformações. Esta capacidade constitui a base da liberdade humana e também a base de todas as formas de sociedades de classes, da escravidão à sociedade do capital. Ao transformar a natureza através do trabalho o homem produz objetos sociais, desde os valores de uso até formas de objetividade puramente sociais, tal com o valor de troca. O devir mercadoria do produto do trabalho constitui estágio superior de sociabilidade. A sociedade do capital constitui um *afastamento maior do homem em*

*relação à natureza*, em comparação com sociedades pretéritas. A partir do aparecimento da sociedade de classes também surge o Estado, poder externo e estranho à sociedade através da qual a classe dominante garante a apropriação do excedente. Na sociedade do capital, o valor e o valor excedente, - a categoria mais valia de Marx e suas formas fenomênicas (lucro industrial, ganho mercantil, renda da terra e juro) -, se *explicitam*, quer dizer, superam a sua existência embrionária e tornam-se reguladores autônomos da produção social. Daí decorre a centralidade da categoria valor nesse modo de produção e, portanto, na sua investigação e expressão teórica, ou seja, na ciência econômica e no pensamento de Marx. Nas sociedades de classes, a luta de classes é a base dos conflitos sociais, o que nos leva à determinação das ideologias enquanto instrumentos ideais da luta de classes. Os componentes ideológicos são inelimináveis das ciências sociais e, portanto, da ciência econômica. A ciência econômica é por nós concebida enquanto *expressão teórica necessária da eternidade e naturalidade aparentes da vida material burguesa* e, por consequência, enquanto ideologia de acionamento, manipulação e reprodução da sociedade do capital. A ciência econômica interpreta o movimento de socialização objetiva da produção social promovido pelo capital em sentido inverso, ou seja, compreende a sociedade do capital como uma aproximação do homem da natureza e não um afastamento. A ciência econômica surge com a explicitação da lei do valor no século XVIII. Toma o valor de troca enquanto categoria da natureza, as leis do mercado enquanto leis naturais. A ciência econômica nasce com a economia clássica que toma como ponto de partida o valor-de-troca e o lucro. Esta escola investiga e desvenda o valor e o valor excedente. Descobre que por trás do valor-de-troca se esconde o valor, isto é, o tempo de trabalho materializado na mercadoria. Descobre também que o lucro do capital e a renda da terra são deduções do produto do assalariado. Nasce, assim, a teoria científica do valor trabalho. A teoria clássica serve aos interesses da burguesia, pois apresenta o capitalismo como eterno. Isto significa que a teoria do valor-trabalho nasce como *ideologia da burguesia*, num momento que esta classe ainda era a classe revolucionária da sociedade. Ao lado economia política científica, se desenvolve a economia vulgar, burguesa e pseudo-científica (por captar apenas a aparência das coisas). No lugar da teoria científica do valor trabalho é colocada a teoria pseudo-científica do valor utilidade, que oculta a exploração do assalariado. A década de 1840, quando a luta entre o proletariado e a burguesia explicita-se na realidade, marca o sepultamento da ciência econômica burguesa. A partir de então, com a historicidade do capital revelada pela luta de classes, o pensamento econômico burguês só sobrevive enquanto pensamento vulgar, isto é, pseudo-científico. A teoria do valor-trabalho então se transforma em *ideologia do proletariado*, ou seja, no pensamento marxiano.